

## AS CIÊNCIAS EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS

Reunimos aqui uma série variada de temáticas de artigos, em tempos de clausura do coronavírus, esperamos ressaltar o valor das ciências e dos saberes relevantes ao espírito crítico da humanidade. Sabemos que uma grande sombra política antecede e sucede nossa atividade científica, com cortes de bolsas, com a retirada das ciências humanas da lista de prioridades do Cnpq, mas seguimos lutando pela valorização dos saberes com poesia e ciência.

Diacronicamente não conseguimos abrir esse novo número com um artigo substancial sobre o contexto atual, admitimos que um grande fluxo de artigos estavam esperando essa primeira edição de 2020, e tivemos que dar prosseguimento aos artigos enviados a mais tempo. De todo modo, não podemos deixar de enfatizar como o momento tem gerado reflexões frutíferas acerca da necropolítica, filósofos como Agamben, Žižek, Judith Butler, David Harvey, Alain Badiou, Achille Mbembe, Byung-Chul Han, colocam a humanidade globalmente para pensar as causas, efeitos, consequência por essa situação pandêmica inusitada. A volta do nacionalismo, a briga pelas narrativas que vão prevalecer nessa guerra contra um vírus, na qual o Brasil tem se destacado por um governante que quer a todo custo encontrar um bode expiatório para os problemas econômicos, e a factualidade de que nosso corpo pode se tornar uma arma contra nós próprios e a todos os outros são problemas filosóficos prementes que carecem de reflexão.

De todo modo, para não recairmos no temer, e possamos pensar racionalmente, começamos esse editorial justamente com o encorajamento poético. Assim, em *Poesia infantil: o relato de uma bela experiência*, se ressalta como o contato com o gênero poético pode fortalecer o objetivo de despertar no indivíduo o gosto estético que desenvolve a imaginação, porque se comprova que o contato da criança com o gênero poético pode aprimorar a leitura, incentivar a escrita e melhorar a oralidade.

Em *Sustentabilidade e educação: reflexões sobre o cenário de demandas socioambientais e orientação neoliberal*, uma leitura crítica à economia neoliberal discute propostas educativas para lidar com a crise por meio da possibilidade de um futuro sustentável.

Em *Os efeitos jurídicos da contratação temporária dos professores da Rede de Ensino Estadual do Paraná* se discute o problema das sucessivas contratações temporárias que ocorrem em diversas redes estaduais de educação para dismantlar a construção de um sistema de ensino com professores e profissionais efetivos e devidamente concursados e estáveis em suas carreiras.

Passamos então para uma leva matemática que permeou essa edição, na qual *Geoplano: uma abordagem inclusiva* propõe uma investigação dessa ferramenta didática de ensino-aprendizagem da matemática geométrica euclidiana plana.

*A importância da avaliação de materiais didáticos para a EAD: Um estudo de caso* coloca a problemática do uso da educação à distância no contexto da Educação de Jovens e Adultos. Desse modo, o artigo se trata de uma análise da produção de material didático para esse campo educacional.

A revista toma então rumos novamente críticos ao adentrar em *Da pós-verdade a pós-imprensa: a crise do jornalismo na era da desinformação*, conceito super atual que permeia *fakenews* e as iniciativas de *factchecking* da era da Pós-verdade.

Como se dá o desenvolvimento da linguagem infantil na perspectiva de Vygotsky? Em *As contribuições de Vygotsky aos estudos sobre a linguagem das crianças* percepção, atenção e memória destrincha essas etapas do desenvolvimento da relação entre pensamento e linguagem.

Em *Diversidade em contexto educativo: práticas desenvolvidas por uma escola pública sul-mato-grossense* há uma investigação das representações sociais das diversidades socioeconômicas pelos prismas da inclusão, gênero, etc. O espelhamento que essas temáticas têm nos processos de formação promove o estabelecimento de vínculos entre escola, família e aluno, cumprindo o papel social da comunidade escolar.

Em tempos que até as Olimpíadas desse ano foram excepcionalmente adiadas para 2021, o artigo *Probabilidade: uma visão olímpica* cumpre com a importância das competições matemáticas e da reverberação da aplicação das probabilidades aos jogos olímpicos.

Em meio à crise, *A questão da (im)possibilidade da realidade exterior em Arthur Schopenhauer e Martin Heidegger* se mostra como um artigo sobre a importância da exterioridade e a noção de realidade na impossibilidade de um sujeito sem mundo. O que subentende-se como importante reflexão frente ao enclausuramento e a quarentena.

Por fim, entre os artigos linguísticos temos *Literatura e filosofia: Bakhtin e Umberto Eco, intertextualidade e dialogismo na obra "O Nome da Rosa"* e nos voltamos novamente para os valores integrantes da filosofia, dessa vez comentada por Kristeva e a intertextualidade entre Bakhtin e Eco.

*O que vi, vivenciei e aprendi pelo caminho?* é uma observação sobre a linguística do posto de vista da formação do pesquisador nas ciências da linguagem comprometidas com os aspectos sociológicos, ideológicos e políticos. Inquietações de um pesquisador e de como sua investigação pode ser transformadora de posturas cidadãs e políticas no mundo.

Já *A pobreza pelos olhos da arte* se mostra como uma experiência acadêmica inclusiva de alunos de ensino médio que tiveram a oportunidade de relatar criticamente suas questões do cotidiano por meio da teoria da complexidade aliada a análises da experiência e uma pedagogia jesuíta inaciana.

Chegamos então a uma tradução importante dentro da edição crítica de Bergson, *A propósito de "L'Évolution l'intelligence géométrique"*, nela, o filósofo retoma justamente a relação da matemática com a filosofia, temática que vínhamos trabalhando no percurso desse número. Logo, nessa tradução Bergson trata da intuição de uma geometria natural, ainda que de um ponto de vista conservador.

Por fim, temos a poesia *O filósofo experimentador*, experimentando esses conhecimentos diversos ao sabor da cajuína, nessa constelação de acontecimentos, criar conceitos nos dá novas possibilidades de criação.

Avante! Vamos superar essa pandemia!

O todo (pan) é híbrido e vem de uma dialética da ruptura, na qual o fruto que vamos colher está entre a ambiguidade do que é amedrontador e o desejo embriagante de um novo futuro.

“Ao final, na caixa de Pandora restou a esperança”

Gabriel Kafure da Rocha